

O Rádio e o surgimento da Televisão no Brasil – uma pesquisa na “Revista do Rádio”

Yuri Santana Santos Mendes¹

Julerrane Romeiro Barbosa²

Gabriel Limontas de Assis³

Orientadores: Prof. Me. Guilherme Mendonça Oliveira⁴

Prof^a. Luzia Serápicos Martins⁵

Resumo: O dia 18 de setembro de 1950 é a data oficial de nascimento da televisão no Brasil. Este artigo trata das expectativas do povo e radialistas com a chegada dessa então nova e desconhecida mídia e de como ela desafiaria a velha mídia mais popular: o rádio. O artigo examina esse tema na importante revista semanal da época, a “Revista do Rádio”, desde a pré-história imediata da TV brasileira (a Era de Ouro do Rádio) até seus primórdios: a substituição da mídia dominante na sociedade.

Palavras-chave: Brasil. Revista do Rádio; era do rádio; era da TV; TV como mídia dominante.

Abstract: The 18th of September 1950 is the official birth date of television in Brazil. This article discusses the expectations of the Brazilian people regarding the arrival of this new and unknown medium and how it would challenge the most popular old medium: radio. The article examines this topic in the important weekly magazine “Revista do Rádio”, from the immediate pre-history of Brazilian TV (our Golden Age of Radio) to its earliest days: focusing on the replacing of dominating media in society.

Keywords: Brazil; age of radio; birth of television; Revista do Rádio; dominating media: from radio to TV.

Introdução

A curiosidade sobre as expectativas da sociedade e dos profissionais do rádio – até então, mídia absolutamente dominante – para com o advento da televisão, que chegaria ao Brasil em 1950 foi a motivação desta pesquisa.

Com esse propósito, foram nosso foco as referências ao surgimento da TV contidas na “Revista do Rádio” (abrev. RR), revista de extrema importância na época, disponível no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Na RR (da Hemeroteca) pesquisamos a palavra “televisão”, delimitando as edições entre fevereiro de 1948 e março de 1951, em torno da data 18 de setembro de 1950, que assinala a inauguração da televisão brasileira. Surgiram 235 ocorrências contendo esse termo e selecionamos trinta passagens que nos pareceram ser as mais representativas para a compreensão da expectativa do que seria a nova mídia: a TV.

A “Era do Rádio” e o surgimento da televisão

O rádio foi, por muitos anos, o meio de comunicação mais popular e influente no Brasil. Sua inauguração foi realizada pelo presidente Epitácio Pessoa, no dia 7 de

¹ Aluno do 3º ano do Ensino Médio da E.E. Dr. Abrahão Jacob Lafer.

² Aluna do 3º ano do Ensino Médio da E.E. Dr. Abrahão Jacob Lafer.

³ Aluno do 3º ano do Ensino Médio da E.E. Dr. Abrahão Jacob Lafer (Praia Grande – SP).

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

⁵ Professora de Língua Portuguesa. Diretora da E.E. Dr. Abrahão Jacob Lafer.

setembro de 1922, em comemoração ao centenário de Independência. Sua popularização se deu pela crescente aquisição de aparelhos receptores e pelo aumento da infraestrutura com instalação de torres de transmissão pelas cidades, incluindo as mais distantes e isoladas que puderam ser financiados pela veiculação de publicidades permitidas durante o governo do presidente Getúlio Vargas nos anos 1930.

A inserção do rádio no território brasileiro evoluiu muito com o passar dos anos, sua capilaridade atingiu cidades isoladas de estados ainda pouco habitados e que ainda não contavam amplamente com energia elétrica, como Amazonas, Mato Grosso, Goiás, Acre, Rondônia, entre outros, dado que muitos aparelhos receptores funcionavam com baterias, possibilitando que as programações das rádios atingissem enorme número de espectadores em quase todo o território nacional.

Nesse cenário, ocorreu a “era de ouro do rádio” nos anos 1940, em que eram divulgados programas muito populares – de humor, de auditório, transmissões de turfe e futebol, radionovelas, musicais – que conferiram aos radioatores e radioatrizes, apresentadores e apresentadoras, cantores e cantoras grande popularidade e fama. Os concursos de calouros revelaram muitos artistas importantes.

Embora os jornais procurassem divulgar a imagem e a vida cotidiana das personalidades, foi criada a Revista do Rádio em fevereiro de 1948, aproveitando este nicho importante ligado às atividades do rádio. A RR foi mensal em seus dois primeiros anos, posteriormente sua periodicidade passou a ser semanal. Devido a seu aumento de tiragem, a RR foi considerada a segunda revista com maior número de vendas durante a década de 1950, atrás apenas da Revista de variedades *O Cruzeiro*, posição que foi mantida durante vários anos no universo feminino, conforme pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. A revista procurava divulgar notícias, programação das rádios, vida das celebridades, correspondência dos leitores, os agitados concursos de “Rainha do Rádio”, que mobilizavam o país, lançamentos musicais, teatrais e cinematográficos, as imperdíveis radionovelas.

Na charge a seguir, observa-se a importância das programações das rádios no cotidiano da sociedade, nota-se que sua popularidade abrangia todas as classes.



RR no. 16, junho de 1949.

2. O surgimento da televisão na perspectiva da Revista do Rádio

A Revista do Rádio aborda as expectativas em torno da chegada da televisão ao Brasil, destacando as possibilidades e o impacto que essa nova tecnologia trará para o público e para os radialistas. Charles G. Roberts (RR n° 7, 1948), da “International General Electric”, menciona o crescimento significativo das estações de televisão nos Estados Unidos, o que evidencia o potencial dessa mídia. Em 1947, já havia 650000 aparelhos de televisão em uso nos EUA, com a estimativa de que em 1948, esse número aumentaria para 750000. Esses dados refletem o entusiasmo em relação à televisão, que prometia revolucionar o entretenimento e a comunicação (RR n° 27, 1948). Dados que já constavam na edição de setembro de 1948, em que alertava que a TV não era uma utopia, mas realidade: nos EUA já havia 88 estações e mais de 650000 aparelhos (RR n° 7, 1948).

Ressalta-se a importância da televisão e sua iminente chegada ao Brasil, em que se destaca que a televisão já é uma realidade consolidada nos Estados Unidos. É o que se percebe já em seu No. 1, quando a RR manifesta a expectativa para com o advento da TV no Brasil: o público, alimentado pelas notícias mirabolantes que vinham dos EUA, esperava ansioso a vez do Brasil e, uma e outra vez, a RR anuncia “a televisão vem aí”. Havia, contudo, evidente preocupação com a adaptação dos radialistas, que precisariam se adaptar à nova mídia, em relação à sua postura e aparência no sentido de evitar situações embaraçosas ao vivo.

Nas páginas da RR, observam-se preocupações dos radialistas e de outros profissionais do setor com a vinda iminente da televisão, isto é, de como se conformariam as novas profissões advindas com a implantação da TV como meio de comunicação. Os trabalhadores do rádio, ao que parece, tinham suas restrições à chegada da TV, preocupados que estavam com possível perda de empregos, assim como os próprios donos das rádios receosos estavam diante da concorrência que a TV poderia impor. Abordou-se, inclusive, a questão dos músicos no Brasil, ressaltando as dificuldades enfrentadas pela classe e a necessidade de apoio efetivo. Havia, contudo, também acalentada expectativa positiva com a multiplicação de novos empregos e oportunidades nessa nova fronteira. Cantores e estrelas do rádio denotaram preocupação com sua aparência e o melhor figurino, muito embora, estes itens já recebessem atenção por parte dos jornais, revistas e filmes veiculados nos cinemas. Profissionais como marceneiros, iluminadores cenógrafos e figurinistas, que atuavam nos cinemas e teatros sonhavam com a possibilidade de novas oportunidades no meio televisivo.

Sobre a implantação da televisão, encontram-se preocupações sobre o destino do rádio, que se encontrava no auge, por parte dos profissionais, contudo, esse receio vinha acompanhado, por outro lado, de uma expectativa positiva. Quanto a essa preocupação dos radialistas sobre possível retração do seu mercado de trabalho com o evento da inovação tecnológica dos anos 1950, não havia urgência, eles estavam cientes de que a TV levaria muitos anos para se estabelecer definitivamente e se tornar uma ameaça ao rádio. Por outro lado, a tendência apontava para o aproveitamento das celebridades do rádio na TV. Muitos apostavam nessa possibilidade. Por exemplo, Lourdinha Bittencourt, muito conhecida nas rádios, tendo se dedicado ao teatro e cinema, foi muito cotada para a TV.

A esse respeito, Adhemar de Almeida questiona sobre o futuro das emissoras de rádio tradicionais, como a Rádio Tamoyo e a Cruzeiro do Sul, diante da nova tecnologia, ponderando sobre a necessidade de tais estações se adaptarem à nova realidade, de modo a manter sua relevância diante da televisão. A televisão é apresentada como um invento revolucionário que prometia transformar a experiência do público, permitindo que os artistas favoritos fossem vistos em ação sem a

necessidade de ir aos auditórios. Percebeu-se alta expectativa quanto à adaptação das emissoras de rádio como ponto crucial para continuar atraindo a audiência (RR, 1948).

A aceitação da TV não foi unânime, questionou-se quanto ao audiovisual comprometer a imaginação advinda da audição das novelas dotadas, muitas vezes, de cenas quentes e violentas que a partir da TV seriam transmitidas para dentro das casas do público, fato que preocupou uma parcela conservadora da sociedade, inclusive com a possibilidade das pessoas se viciarem em assistir à TV. Por isso, aventou-se o controle do acesso dos filhos à televisão, a fim de tentar evitar que se corrompessem. Outra preocupação identificada na RR foi sobre a maneira das pessoas se portarem em frente à televisão, que não poderiam adotar o mesmo comportamento que ocorria nos estúdios de rádio, pois, no caso da TV, os telespectadores tendiam a ver tudo que está sendo realizado, principalmente, quando a programação era ao vivo.

A importância da televisão é ressaltada como evolução significativa do rádio, se comparada ao momento de sua inauguração ao impacto da invenção de Marconi. Discute-se a respeito da primazia das emissoras de rádio sobre a televisão dado o interesse apresentado pelas principais emissoras, Tupi e Nacional, em serem pioneiras na implementação dessa nova tecnologia. Ambas as estações, reconhecidas por sua popularidade, mostraram-se ansiosas para conquistar a precedência e marcar o momento histórico da inauguração da TV brasileira (RR, n°4, 1948).

A TV torna-se associada ao rádio

Entre os artigos analisados na RR, no ano de 1948, percebeu-se que havia grande expectativa em torno da chegada da TV como novo meio de comunicação no Brasil. A televisão foi anunciada como uma inovação revolucionária, que traria oportunidades e desafios para artistas e para as emissoras de rádio, com possibilidades de mudança cultural, dado que a TV integraria o universo visual do cinema e do teatro com dinâmica do rádio. Quanto a esse aspecto, em entrevista, Fernando Lobo comentou que a televisão dos Estados Unidos já era uma realidade com as emissoras CBS e NBC, esclarecendo que a televisão não mostraria apenas o funcionamento interno das estações de rádio, mas transmitiria programas próprios, preparados especialmente para o novo meio.

Perante a crescente expectativa em torno da implantação da televisão no Brasil, destaca-se a previsão de que as Emissoras Associadas seriam as primeiras a lançá-la em 1949, que a televisão traria nova dimensão ao entretenimento e que o rádio brasileiro trilhava no caminho certo para se aprimorar e acompanhar tais inovações (RR, n°4, 1948). Quanto a esses pontos, questionava-se sobre o futuro das rádios em relação à TV:

Se realmente a televisão chegar à nossa cidade, o que se fará da Rádio Tamoio, da Cruzeiro do Sul, da Guanabara, da Ministério da Educação e da Roquete Pinto? Será que vamos ser obrigados a ficar vendo os discos tocarem sozinhos? Ou essas estações pensarão em contratar cantores, radio-atores? Mas por um lado é bom. Só assim, teremos prazer de ver os nossos artistas prediletos, cantando ou interpretando, sem ser preciso tomar um banho de suor nos auditórios, em geral acanhados. (RR no. 4, 1948)

Ainda nessa vertente, Al Neto traça um paralelo entre o panorama americano e o brasileiro acerca do financiamento e implantação da televisão. Disse o autor que os donos das rádios, na ocasião, eram detentores também das concessões dos canais de

televisão, que por ser muito incipiente ainda na época e sem aparelhos receptores de TV suficientes, estações e antenas, careciam de público, sendo assim, embora pudesse se mostrar como uma excelente mídia de propaganda, sua manutenção e processo de implantação seriam caríssimos e os anunciantes ainda não estavam dispostos a investir (RR, n° 29, 1950). Nessa linha, surge um comentário de um comentarista que afirmara não saber de ninguém que tenha adquirido um aparelho receptor de TV devido aos preços proibitivos e, que nessas condições, a falta de espectadores seria o ponto crucial do início da TV no Brasil (RR, n°50, 1950).

Apresentavam-se problemas técnicos e exigências financeiras que pareciam intransponíveis no final dos anos 1950, localizaram-se alguns aspectos documentados na RR, em que o colunista expõe os vários problemas, entre eles, podemos citar a questão dos altos investimentos em importação de equipamentos por parte das emissoras e inclusive por parte da própria sociedade na aquisição dos aparelhos receptores de TV (RR, n° 51 e 67, 1950). Identificaram-se preocupações com os investimentos na produção como cenários e ensaios dos atores e já havia aspirações pela TV em cores, contudo, eram anúncios falsos (RR, n° 61 e 65, 1950).

Naquelas condições, poucas empresas poderiam assumir o patrocínio da incipiente TV, como se pode observar no excerto do editorial de junho de 1948, a seguir reproduzido:

Um assunto anda dominando os meios radiofônicos: a televisão. Aguardam, todos, com justificável expectativa, a vinda das primeiras peças da moderna maquinaria que já faz as delícias do povo do rádio americano. Mas, a par desse interesse natural, surge também uma incógnita curiosa: qual das nossas emissoras vai ter a primazia de lançar entre nós a prática do genial invento? (RR, n° 4, 1948).

Em se tratando de primazia, de fato, a Tupi foi a pioneira. Luiz Jatobá seria o encarregado dos preparativos e da implantação. Tendo vindo de longo aprendizado nos EUA, a infraestrutura estaria em fase de finalização, ou seja, a TV já poderia ser considerada como um “fato consumado” (RR, n° 36).

Um tema óbvio recorrente: a magia da imagem

Em um mundo em que as imagens tinham poucos meios de divulgação, a saber, jornais, teatro e cinema, a incrível possibilidade do surgimento da TV acendeu a imaginação da sociedade. Em artigo sobre a carreira de Lourdinha Bittencourt, artista brasileira que se destacou no rádio, teatro e cinema, avaliou-se a hipótese de que a atriz encontraria uma nova e promissora plataforma para demonstrar seu talento. Percebe-se que a referida inovação tecnológica proporcionaria a artistas como Lourdinha a possibilidade de serem vistos e apreciados, inclusive em sua beleza!

Previu-se este potencial amplificador de talentos já no n° 1 da RR (1948), em que se destacou a vantagem da TV em divulgar as imagens dos artistas, como a da própria Lourdinha Bittencourt, que consideravam “uma alucinante morena capaz de deixar boquiabertos os habitantes da Lua” [...] “a televisão entre nós está ainda por vir e quando vier ela será requisitada com urgência”. Juntaram a ela outras atrizes do rádio que também foram mencionadas por sua reconhecida beleza, como Ida Gomes, Nancy Wanderley e Curquita Carballo (RR, n° 31, 1950). A exaltação da perfeição do corpo feminino a ser exposto à expectativa do público revelou que haveria algum vínculo com questionamentos que não seriam tão importantes no universo radiofônico, como a necessidade de engordar ou emagrecer. Percebe-se que as matérias

procuravam envolver a sociedade da época com a personificação dos corpos femininos na esperança de admirá-los na televisão (RR, nº 1, 1948).

Na expectativa da inauguração da televisão, o público fã de Elvira Pagã entende como positiva a participação da atriz, que saberia atuar diante das câmeras naquele cenário em que as novelas e noticiários eram assistidos pelos rádios, nos quais eram conhecidas apenas as vozes dos artistas e se podia apenas imaginar sua feição a não ser por eventuais fotografias nos jornais. A TV surgiria como inovação e a imaginação dos ouvintes seria destruída pela realidade da aparência de seus “galãs”, completamente diferente. Esse efeito foi previsto na charge a seguir, em que se observa uma ruptura com o mundo da imaginação. A idealização das personalidades do rádio seria a partir da televisão exposta à dura realidade, advinda do avanço tecnológico que chegaria ao Brasil.



A boa aparência, desnecessária no rádio... (RR n. 16, junho de 1949)

Nessa linha, encontrou-se na seção de fofocas da RR, ainda na véspera da estreia da TV no Brasil, que um conhecido galã de novelas estaria “se entregando a um rigoroso regime de emagrecimento [...] só por causa da televisão” (RR, n. 53, 1950). Na charge a seguir, observa-se que na audiência do rádio, os artistas são idealizados por parte do público, idealização que a TV não seria capaz de desencadear nesse nível, já que trabalharia com imagens e, em parte, realidade.



RR n. 17, julho de 1949.

Com a infraestrutura concluída, alguns receptores instalados, a RR já anunciou sinais concretos de que a televisão seria inaugurada brevemente, colocando em sua pauta a permissão de funcionamento, dada pelo Governo Federal, incrementando o bordão “a televisão vem aí”. Além disso, também avivou a expectativa da publicação de imagens femininas e suas curvas como as da vedete da época Elvira Pagã acompanhadas das fotos em que exibem suas pernas, em que se observa o comentário de que “Amanhã ou depois, virá a televisão e será melhor ainda” (RR, n° 23, 1950).

Em abril de 1950, anunciou-se que os equipamentos já estavam chegando ao país, e que certamente seríamos um dos primeiros países da América do Sul a contar com televisão. Na verdade, o Brasil foi o sexto país no mundo a implantar a nova mídia e o segundo a contar com a TV comercial (RR, n° 33, 1950).

Inauguração da TV

Em agosto de 1950, deu-se a pré-estreia da televisão no Brasil. A RR noticiou triunfalmente: “Temos finalmente a televisão em nossa terra”. Contudo, segundo a RR, a TV Tupi foi criada em 29 de julho, em São Paulo, e poucos dias após, também no Rio de Janeiro, onde instalou um aparelho receptor na entrada de seu prédio e contou com massiva presença de convidados, que testemunhariam o êxito da primeira transmissão, ainda de maneira experimental. A programação de inauguração foi religiosa, contou com a presença do ex-astro da canção e do cinema, o mexicano José Mojica, que em 1943, abandonou sua brilhante carreira para se tornar um frade franciscano, o irmão José Francisco de Guadalupe Mojica. Foi ele a personalidade convidada para realizar a inauguração oficial da TV no Brasil (RR, n. 48, 1950), como se pode observar no excerto da revista a seguir:



RR n. 48, 8/08/1950.

A presença do frade franciscano ainda foi lembrada na edição seguinte, em que se teciam longos comentários piedosos no evento inaugural da TV (RR, n° 49, 1950). Todavia, na RR n° 50 (1950) os assuntos religiosos foram deixados de lado para anunciar a possível presença da famosa nudista Luz del Fuego e sua pretensão de se apresentar e dançar seminua na TV.

Esse assunto foi requeentado ainda na RR n° 56 (1950), cujo recorte se apresenta a seguir:

TELEVISÃO... NADA!

Segundo notícias de secções radiofônicas dos jornais, Luz Del Fuego, a bailarina que se cobre, no inverno, com um têço de folha de parreira (eu escrevi um têço por causa da Censura) manifestou desejo de ser televisio-nada. Sabe lá o que é isso, leitor? Um "material" dêsses visto a olho nú? E as consequências? Alguém já pensou nisso? Não?! Pois olhe, eu já pensei. Será uma onda de desquites, crimes de morte e agressões por ciume! Os prejuízos não serão totais porque, somente uma classe de profissionais será beneficiada: A dos oculistas que terão que socorrer um bocado de homens... vêsgos!

(RR, n° 56, 1950)

Era de se esperar, com o advento da TV, que o rádio viesse a sofrer algum rebaixamento. Anteriormente a RR apresentara previsões quanto a isso, observamos que em seu n° 73, a RR (1951) retorna ao assunto anunciando que com o advento da TV os programas de público presente no rádio estariam com os dias contados, uma vez que o público poderia ver seus artistas preferidos na televisão. Sobre a manutenção financeira da TV, encontramos a informação da dificuldade que a TV Tupi teria que pagar (5 mil cruzeiros!) aos clubes pela transmissão do futebol (RR n. 70, 1951). Sobre outra vertente, encontrou-se um comparativo da evolução de números de aparelhos receptores de rádio e TV adquiridos pelas famílias. Na mesma edição comemora-se o sucesso da transmissão do Carnaval e do futebol na Televisão (RR, n. 75, 1951).

Entrevista

Para complementar esta investigação, enviamos questões ao Prof. Dr. Jean Lauand, como forma de aumentar a compreensão sobre a enigmática ênfase dada ao religioso Frei José de Guadalupe Mojica no lançamento da TV brasileira, entre outros assuntos. A seguir, apresenta-se um condensado da entrevista:

Vocês têm toda a razão: à primeira vista é surpreendente que na nossa primeira transmissão de TV (e na experimental antes) a figura central seja a de um padre, Frei José Mojica e não alguma celebridade do próprio mundo da TV, digamos, um Frank Sinatra ou Bing Crosby, ou mesmo uma beldade, daquelas que o público já antecipava como suas delícias na TV.

Parece-me que foi uma jogada de mestre do polêmico (para dizer o mínimo) empresário Assis Chateaubriand, chamado de "Cidadão Kane do Brasil" e "Chatô, Rei do Brasil". Dono de um império de jornais e emissoras de rádio em todo o país, Chateaubriand não poupou gastos para criar a TV Tupi, a primeira do Brasil, em São Paulo e, logo em seguida no Rio. Para tanto, investiu milhões importando todo o equipamento dos EUA (junto com técnicos americanos e pessoal

brasileiro que foi “estudar” TV naquele país). Trouxe também dos EUA 200 televisores que instalou em vitrines das principais lojas e na frente da sede da própria emissora, para que o povo pudesse acompanhar a emissão fundacional da TV Tupi (e as subsequentes, claro).

Chatô bem sabia que a primeira impressão é a que fica e para um Brasil massivamente católico quis tranquilizar os fiéis e os temores do clero preocupado quanto ao caráter “possivelmente imoral” da nascente TV.

De fato, um exemplo entre tantos outros: já no final de 1950, o jornal católico “A Cruz” (31-12-1950) celebra o fato de que católicos mobilizaram a “Câmara Federal” para exigir do executivo a aplicação do Código Penal contra a pornografia de jornais, revistas e... televisão.

Assim, Chatô percebeu que ninguém melhor do que o Frei para sua inauguração.

O mexicano José Mojica, nos anos 30 e começo dos 40 foi um astro de Hollywood (uma curiosidade: o nome do nosso Zé do Caixão, nascido em 1936, é uma homenagem ao astro do cinema): cantor incomparável, galã de muitos filmes de sucesso em todo o mundo, em 1942 surpreendeu a todos abandonando a carreira artística e ingressando na ordem franciscana.

E assim, sob o alto patrocínio da “Goiabada Peixe”, frei Mojica foi trazido por Chateaubriand para “lavar” a imagem da nascente TV. Além de cantar, ele veio com a missão – que lhe confiou o próprio Papa Pio XII – de pregar e promover vocações sacerdotais para a América do Sul. Perfeito para o Frei, excelente para Chatô.

A desconfiança da Igreja para com a nascente TV manifestou-se também na recusa do Cardeal de São Paulo, D. Carlos Carmelo, a comparecer à inauguração da TV Tupi para abençoá-la: uma recusa impensável para um evento dessa magnitude. O arcebispo diplomaticamente enviou um mero bispo auxiliar, Dom Paulo Rolim Loureiro (que protagonizou um episódio tido por verdadeiro pelos funcionários da Tupi presentes no evento: a queima de uma das 3 câmeras da TV, pela água benta que lhe foi aspergida). Mesmo assim, a transmissão ocorreu e foi vista por multidões de curiosos nos locais onde estavam estrategicamente instalados os televisores que Chateaubriand trouxera.

Assim, o cardeal Dom Carlos Carmelo sentiu-se à vontade para liderar, em 1952, agressiva denúncia “contra o plano de subversão moral” levado a cabo por veículos como o rádio, cinema e televisão (“A Cruz” RJ, 24-08-1952).

Considerações finais

A história da TV no Brasil se intersecciona com o universo radiofônico, que já tinha uma grande amplitude nos anos 1950. Não foi por acaso que a Revista do Rádio, especializada em assuntos do rádio, não deixou passar despercebida a vinda desse novo meio de comunicação.

Investigamos a palavra “televisão” na RR nos meses em torno da fundação da TV no Brasil e constatamos expectativas e realidades sobre essa nova mídia em confronto com o tradicional rádio: diferenças e semelhanças, adversidades sobre o estabelecimento das bases nas quais cada uma viria a se assentar a partir dos anos 1950.

Dentre os documentos analisados na RR daquele período, destaca-se a tecnologia inovadora dos anos 40, denominada “televisão”, e as expectativas em torno de sua inauguração no Brasil seus possíveis impactos para a sociedade e para os trabalhadores do rádio, artistas e proprietários. Destacamos também as habilidades das atrizes e atores consolidados nas rádios, teatros e cinemas, e ressaltando especificamente o que se poderia esperar de sua performance e suas imagens na TV.

A primazia da TV coube à Tupi, que demonstrou interesse em marcar o momento histórico dado seu poder financeiro e sua popularidade nos meios radiofônicos. Em decorrência disso, questionavam sobre o futuro das emissoras de rádios tradicionais, pelo fato de a nova tecnologia estar em ascensão e da necessidade das estações de rádio se adaptarem ao novo cenário para manter sua relevância diante da televisão, preocupação mitigada pela afirmação de um técnico americano encontrada no nº 83 da RR: “A televisão jamais poderá suplantar o rádio, no que se refere à presteza e eficiência do velho microfone” (1951).

Concluimos com o registro da importante e curiosa peculiaridade do nascimento da televisão no Brasil. Assim, destacamos o senso diplomático (ou pragmática astúcia) do fundador da TV entre nós, o megaempresário Assis Chateaubriand, em relação aos temores de uma sociedade massivamente católica (quantitativa e, de certo modo, também qualitativamente) de inaugurá-la não com a exibição de pernas de vedetes, mas com um piedoso frade, que, valendo-se de seu passado de estrela de Hollywood, cumpria missão papal de promover vocações religiosas! As autoridades da Igreja, relutantes, tiveram de – embora minimamente – abençoar a nova mídia.

Recebido para publicação em 14-08-24; aceito em 10-09-24